

MEMÓRIAS DA HISTÓRIA NA BIBLIOTECA NACIONAL

Maria Teresa Antas de Barros
Docente e Coordenadora do Curso
de Comunicação Social - ESEV - IPV
tosorio@esev.ipv.pt

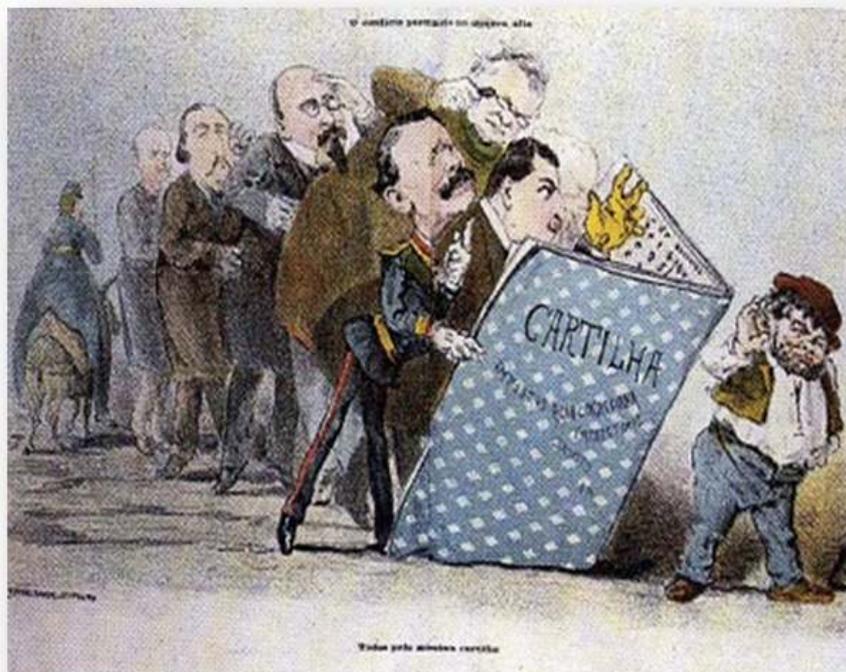


Fig. 1 - Caricatura: O CONFLICTO PARTIDÁRIO NA CÂMARA ALTA. TODOS PELA MESMÍSSIMA CARTILHA
Litografia colorida. 313x453 mm, R. Bordallo Pinheiro, in "O António Maria", 10 de Fevereiro de 1881.

Múltiplas foram as comemorações dos 100 anos da implantação da República Portuguesa, múltiplos os espaços de debate e reflexão, múltiplos os olhares sobre episódios e singularidades. Aproveitemos este número da Revista Politécnica para entreabrir a porta a um outro espaço. Propomos, com estas linhas e, no âmbito deste centenário, contribuir para avaliar a forma como a Biblioteca Nacional de Portugal trabalhou sobre o tema e construiu o seu espaço próprio de memória, divulgando um dos mais importantes espólios de que é detentora. Entre outras que sinalizaremos, nada mais que a colecção dos periódicos portugueses, na clandestinidade, e que são na sua maioria material de valor excepcional para a história das ideias republicanas no nosso país. "Não tanto pela qualidade doutrinária dos mesmos ou pelo impacto que à época tivessem tido, mas porque marcam um salto qualitativo na posição do liberalismo mais radical em relação à questão do regime." (Pereira Marques, F., BN)

A Biblioteca Nacional é uma das instituições que mais tem contribuído para a divulgação da documentação histórica e da memória da identidade portuguesa, consubstanciada no acervo/património bibliográfico nacional, disponibilizando-o à comunidade científica, intelectual e educativa, através das novas tecnologias. A dimensão e o valor destas colecções exigiam a sua apresentação material. Como refere a UNESCO, aquando da criação, em 1992 do Programa World Memory - Património Documental da Humanidade, é necessário que a humanidade seja sensível para poder contribuir no sentido do "desenvolvimento crescente e consciente da importância do património documental e da necessidade da sua preservação e acesso universais".

Do passado recebemos um património onde cabe, naturalmente, a maior parte dos bens culturais que, como objectos sociais, incorporam conhecimentos e experiências acumuladas. São estes objectos, reais e autênticos, cuja materialidade participa fisicamente do passado e do presente e cuja estabilidade contraria a volatilidade da memória e a

fluidez do tempo, que urge preservar. Para além da satisfação intelectual, espiritual e física que proporciona a alguns, este património terá de adquirir uma dimensão e uma visibilidade universais.

No nosso mundo global é fundamental unificar, preservar e promover o acesso à nossa memória colectiva materializada na herança erudita e endógena da nossa civilização. A aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação nas instituições culturais tem permitido o desenvolvimento de projectos de digitalização conducentes à optimização da acessibilidade ao conhecimento, à cultura e à educação, dotando de maior visibilidade os seus fundos. O incremento, nos últimos anos, das bibliotecas digitais vem em paralelo com a explosão da informação em rede favorecida pela Internet. No que respeita às bibliotecas detentoras de património bibliográfico histórico tem havido a preocupação de converter em formato electrónico um número significativo de documentação patrimonial de interesse, de forma a divulgar e a tornar visível a sua própria história.

As bibliotecas públicas e, no caso presente a BN, conservam colecções científicas, fundos patrimoniais e colecções históricas que contribuem de forma única para a construção das suas histórias individuais e para a compreensão do desenvolvimento do pensamento nas suas diferentes fases e períodos. Por este motivo, pensamos ser fundamental que as bibliotecas, em ambiente virtual, constituam um novo paradigma como espaço de interacção humana, como espaço de conhecimento, permitindo identificar e reconstituir, através de diferentes modalidades e estratégias de recuperação da informação, alguns dos marcos e das referências colectivas que se materializam sob forma de documentos e de livros.

É neste contexto que se enquadra o projecto de divulgação, no âmbito da imprensa periódica portuguesa, de diferentes colecções que incluem cerca de 300.000 imagens de 22 títulos de jornais portugueses do século XIX. Entre estas colecções estão alguns dos periódicos portugueses, na clandestinidade, que ora referimos, "A República" (primeiro n.º 25 de Abril de 1848); "O Regenerador: Jornal do Povo: Liberdade, Igualdade, Fraternidade" (n.º 1 - 16 de Abril de 1848); "O Republicano" (s/d 1848); "É Tarde" (10 de Abril de 1848); "Fraternidade" (1848) e "O Alvorada" (Abril de 1848), todos eles em versão integral com acesso livre através da Biblioteca Nacional Digital (<http://purl.pt/index/geral/PT/index.html> ou bnd.bn.pt.)



Fig. 2 - Primeiros números dos Jornais Século XIX em versão integral disponibilizados pela BND.

Para além destas colecções salientam-se "As Farpas" ("As farpas: chronica mensal da politica das letras e dos costumes / Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz. - 1871- s. 4, n.º 3 (Jun. 1883). - Lisboa: Typ. Universal, 1871-1883"). A 17 de Junho de 1871 aparecem nas bancas de Lisboa opúsculos, com cerca de 100 páginas, decorados com a imagem do diabo Asmodeus, génio impuro de que falam as Escrituras. Na vertical figurava o nome de Eça de Queirós, na Horizontal o de Ramalho Ortigão. A parte escrita por Eça foi publicada em 1890, em dois volumes com o título "Uma Campanha Alegre". "As Farpas" são uma admirável caricatura da sociedade da época. Altamente críticos e irónicos, estes artigos satirizam a imprensa e o jornalismo partidário ou banal; a regeneração e todas as suas repercussões, não só a nível político mas também económico, cultural, social e até moral; a religião e a fé católica; a mentalidade vigente, com a segregação do papel social da mulher; a literatura romântica, falsa e hipócrita. "As Farpas" tornaram-se num novo e inovador conceito de jornalismo - o jornalismo de ideias, de crítica social e cultural.



Fig. 3 - "As Farpas". Primeiro Número, 1871. (<http://purl.pt/256>)

Sinalizemos, finalmente, por ora, uma das obras mais emblemáticas do último quartel do século XIX - "O António Maria", de Rafael Bordalo Pinheiro (números de 1879 a 1898). Jornal de humor político, editado e dirigido por Rafael Bordalo Pinheiro e que conheceu duas séries: a primeira, entre Junho de 1879 e Janeiro de 1885; a segunda, entre Março de 1891 e Julho de 1898. Uma tão prolongada existência torna-o contemporâneo e testemunha não só do período áureo do "rotativismo" (2ª fase) que caracterizou a monarquia constitucional, mas também do seu progressivo esgotamento, por força de um conjunto de práticas que o desvirtuaram como sistema político, mantendo no poder as mesmas elites. Em paralelo, verifica-se a crescente expansão e influência de um movimento republicano que, aliás, está representado na Câmara de Deputados, a partir de 1879. O António Maria é uma crónica única sobre a sociedade portuguesa e, conseqüentemente, uma fonte de informação inesgotável. A origem do nome, teve sem dúvida origem no do estadista António Maria de Fontes Pereira de Melo http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/bordalo_pinheiro/fontes.html, alvo preferencial da crítica bordaliana. "Fontes, o notável estadista, que durante anos ocupou o lugar mais eminente da política portuguesa, foi a principal vítima do lápis de Bordalo, que pega dele por todos os lados, o torce, o achata, o estica, o empoleira, ajusta-lhe a cabeça a todos os corpos, faz-lhe dar saltos, cambalhotas, mergulhos, coroa-o com as raízes dos dentes apanhados em nevralgias de ministro, que coincidem com crises ministeriais, transforma-o em polichinelo, fá-lo cavalgar através da Lusa cambalhota, estampa-o no Álbum das Glórias (...) e não o larga até ao dia em que a morte rouba a vítima ao lápis implacável" (in Arte e Artistas Contemporâneos, Ribeiro Artur).



Fig. 4 - "O António Maria", 18 de Setembro de 1879 (http://purl.pt/13854/3/j-415-b_1879/j-415-b_1879_item3/P105.html)

"- Ò seu prior, não sei que é isto que estou magro como um cão, sou mesmo um cadáver! E vossê gordo e luzidio.
- Meu amigo, hóstias, hóstias. É o conselho que eu dou ao governo, em vez de gratificações muitas hóstias a todos os funcionarios civis e militares. Verá como elles logo engordam."



Fig.5 - "O António Maria2, referência ao Bispo de Viseu, a banhos em Espinho (http://purl.pt/13854/3/j-415-b_1879/j-415-b_1879_item3/P112.html)

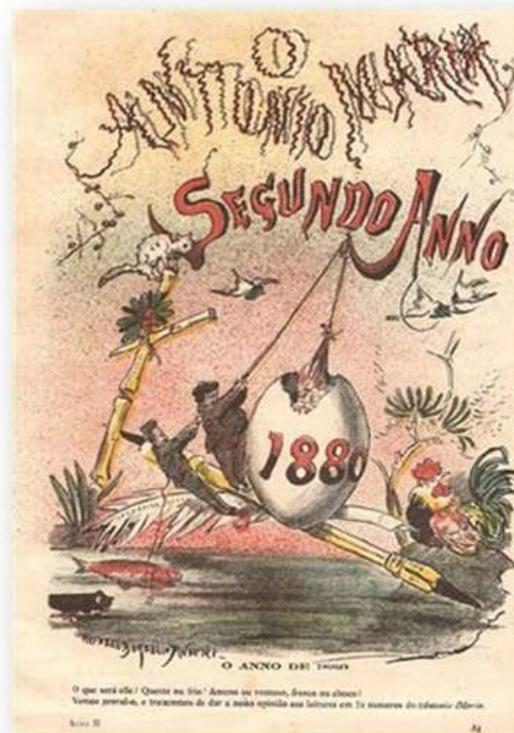


Fig.6 - "O António Maria". Capa do número que marca o início do ano de 1880.

A seguir a este período, o jornalismo português começa o século XX sob o signo da intensificação da censura à imprensa e da repressão sobre os jornalistas e jornais que desafiavam o poder, em particular sobre os republicanos. Os jornais incómodos eram judicialmente processados ou apreendidos, textos ou partes de textos censurados, alguns jornalistas e editores presos (por vezes em situação de incomunicabilidade) ou degredados.

Análise a desenvolver num próximo artigo.

millenium

Revista do Instituto Politécnico de Viseu